



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 25

O pedido de Tiago e João¹

Texto-base: Mt 20:20-28

A controvérsia aconteceu entre Jesus e os discípulos. Ela foi precipitada pela aproximação de Tiago e João¹, os filhos de Zebedeu, que pediram para obter posições à direita e à esquerda de Jesus quando Ele entrasse no Seu Reino. O que eles estavam procurando, é claro, era uma parte especial no Seu prestígio e autoridade quando o Seu Reino messiânico fosse consumado - algo que eles acreditavam estar iminente, algo que eles visualizavam como que acontecendo sem a cruz e sem qualquer demora.

Como Jesus disse (20:22), os discípulos não sabiam realmente o que eles estavam pedindo. Ingenuamente, eles buscaram poder e glória, enquanto não tinham a mínima ideia do sofrimento de Jesus que estava por vir. Eles compreenderam menos ainda que seguir a Jesus poderia muito bem envolver sofrimento verdadeiro e prolongado para eles, ou que a atitude característica dos líderes entre o povo do Messias é o serviço, não o amor ao poder e à pompa.

Todavia, Jesus questionou-os conciliatoriamente. Será que eles poderiam beber do “cálice” que Ele beberia? “Podemos”, eles responderam com convicção. A linguagem do “cálice” no Velho Testamento referia-se caracteristicamente ao julgamento ou à retribuição (veja Salmo 75:8; Isaías 51:17,18; Jeremias 25:15-28), o derramamento da ira de Deus. Talvez os irmãos e sua mãe tenham pensado que o conflito final estava para acontecer; e durante este conflito eles imaginavam que embora o lado de Jesus iria sofrer, às vezes perder, até mesmo enfrentar a morte - a vitória em si era certa. Afinal de contas, como que a vitória poderia ser negada Aquele que já tinha demonstrado que Ele podia levantar os mortos e controlar a natureza? Portanto eles estavam preparados - acreditavam - para sofrer com Jesus neste curto prazo. Eles podiam beber do Seu cálice.

¹ Marcos 10:35-37 foca diretamente nos filhos e relata o pedido da mãe na boca deles próprios. Duas soluções a essa aparente contradição são possíveis: (1) baseado no princípio de que o agente (representante) de uma pessoa é considerado como a própria pessoa representada, Marcos talvez descreva as palavras da mãe como palavras de Tiago e João, os quais disseram a ela para perguntar isso a Jesus; ou (2) Mateus e Marcos talvez descrevam diferentes aspectos ou momentos da uma conversa mais longa, na qual primeiro a mãe fez a pergunta a Jesus e depois Ele perguntou aos irmãos se era aquilo mesmo que eles queriam. Em qualquer das hipóteses, o plural em Mt 20.22 mostra que Jesus está falando diretamente a Tiago e João, assim como à mãe deles.

Num certo sentido, Jesus concordou com eles: “O meu cálice certamente haveis de beber” (20:23). Afinal de contas, Tiago iria em breve tornar-se o primeiro mártir apostólico (veja Atos 12:2), e seu irmão João sofreria exílio (veja Apocalipse 1:9)². Mesmo assim, Jesus insistiu que não era Sua função determinar quem sentará à Sua mão direita e à esquerda no Reino consumado. Tal prerrogativa pertence somente ao Pai (Mateus 20:23). Aqui, como em outros lugares (Mateus 11:27; 24:36; 28:18), Jesus pressupôs que Sua autoridade era derivada do Seu Pai, e que o Seu papel era de ser perfeitamente obediente à vontade de Seu Pai.

A questão poderia ter parado por aí, caso os outros dez apóstolos não tivessem ouvido a tentativa da família dos Zebedeus de assegurar uma certa vantagem. A indignação deles (20:24) foi instigada, se suspeita, menos pela preocupação honesta com o jogo justo do que pelo medo deles serem ultrapassados por um lance político engenhoso que não haviam pensado primeiro. Ou seja, a indignação se derivou menos da humildade que do ciúme somado ao temor do que eles podiam perder. Embora esses versículos dificilmente sustentem o igualitarismo – afinal, escolha de posições será atribuída mais tarde – eles demonstram que o interesse no igualitarismo pode mascarar um ciúme cuja origem mais profunda não é a preocupação com justiça, mas com o próprio interesse.

O problema feio de Mt 18:1-9 estava ocorrendo novamente. E foi isso que induziu Jesus a chamar os doze juntos e ensiná-los o padrão de liderança que deve prevalecer entre o povo do Messias. Os padrões comuns de autoridade no mundo pagão não devem operar aqui. Em vez disso, “qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo” (20:26,27).

Muitos de nós temos nos tornado tão familiarizados superficialmente com tal ensino bíblico que não conseguimos sentir com facilidade o choque que essas palavras sem dúvida causaram quando elas foram ditas pela primeira vez. Os escravos não podiam reger; seria quase que impensável se um intocável na Índia dissesse a um brahminha para sair da frente. Faz parte da “natureza das coisas” que a pessoa de um nascimento aristocrático e o governador exerçam autoridade, e que o resto aprenda a obedecer. Mas, no Reino de Jesus, posição acaba virando serviço, liderança acaba virando escravidão de sacrifício voluntário aos outros. Isto não é tanto um sinal de fraqueza como de humildade, não tanto uma diminuição de autoridade como uma maneira humilde de exercê-la.

² Mas deve ser observada outra dimensão possível dessa fala de Jesus: Ele o chamou o cálice de “meu cálice”. Como Jesus tomou o cálice da ira de Deus pelos crentes, estes não provaram da ira que mereciam. Em união com Cristo, seus seguidores já haviam passado pelo julgamento, estando agora justificados em Cristo, sendo herdeiros de Sua glória (Rm 8.17). No entanto, é privilégio deles serem identificados com Cristo em seu sofrimento (1 Pe 2.21) e conhecer Sua disciplina purificadora (Mt 3.2-3; 1 Pe 4.16-17).

E aqui, é claro, o crente não tem um modelo maior que Jesus o Messias. Se alguém merecia ser servido, era Ele; mas quando Ele veio, não foi para ser servido, e sim, para servir. Este serviço muitíssimo custoso se estendeu até a Sua própria morte sacrificial. Ele veio “para dar a sua vida em resgate de muitos” (20:28). Sua vida seria dada em substituição à vida deles. Como um escravo podia ser resgatado através do pagamento apropriado, assim os muitos são resgatados pela morte de Jesus no lugar deles. De fato existe provavelmente uma referência aqui à última e a maior das canções do “Servo Sofredor” (Isaías 52:13 a 53:12): “O meu servo justo justificará a muitos, e as iniquidades deles levará sobre si. Pelo que lhe darei o seu quinhão com os grandes.... Porquanto...ele levou sobre si o pecado de muitos” (53:11,12).

A palavra traduzida como “por” em MT 20.28 significa “em lugar de”, enfatizando a natureza substitutiva do sacrifício de Cristo. Um resgate é um preço para redimir um escravo ou prisioneiro. A redenção não envolve, como às vezes erroneamente se diz, um preço pago a satanás. Pelo contrário, o resgate é oferecido a Deus – para satisfazer Sua justiça e Sua ira contra o pecado. O preço pago foi a própria vida de Cristo, como expiação com sangue (cf. Lv 17.11; Hb 9.22). Esse, portanto, é o significado da cruz: Cristo submeteu-se à punição Divina contra o pecado em nosso favor (Is 53:4,5). Suportar o peso da ira Divina no lugar dos pecadores era o cálice que Jesus disse que teria de beber.

A resposta de Jesus, portanto, veio em dois passos. Primeiro, Ele falou do sofrimento que parecia estar ausente da expectativa dos irmãos. Depois Ele fala como a autoridade no Reino é virada de cabeça para baixo em relação às expectativas do mundo sobre como a autoridade é exercida. O Reino de Cristo exigiria um tipo diferente de líder. Podemos apenas imaginar quão imensamente comovente a memória dessas palavras foram para os apóstolos após eles terem visto a crucificação do seu Messias e tiveram tempo para comparar sua autopromoção com o Seu próprio auto-sacrifício.

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações); e também em notas das Bíblias de Estudo de Genebra e Macarthur.